



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

EIXO TEMÁTICO: Educação e Diversidade

FORMA DE APRESENTAÇÃO: RESULTADO DE PESQUISA

HISTÓRIA DE VIDA DOS PROFESSORES HOMENS COMPARTILHADAS NA PÁGINA DO FACEBOOK: OLHARES SOBRE A DOCÊNCIA

Jonathan Fernandes de Aguiar¹

Camila Nagem Marques Vieira²

Maria Vitória Campos Mamede Maia³

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar os desafios de ser um professor homem em meio a uma maioria de mulheres no magistério da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Esta apresentação está vinculada à pesquisa de monografia de um dos autores: *Homens no Magistério. Eu Apoio!* (AGUIAR, 2015), e apresenta histórias de vida de docentes apresentadas em uma página de Facebook sobre a temática. Os resultados apontam para a existência de preconceito e dificuldade de atuação destes docentes homens em especial na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Palavras Chave: Homem, Docência, Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Preconceito.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo discutir os desafios de ser um professor homem no meio de tantas mulheres que atuam no magistério da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). O mesmo advém de um recorte da pesquisa de monografia de final de curso em Pedagogia de um dos autores: *Homens no Magistério. Eu Apoio!* A mesma teve como finalidade “discutir por que haver homens no magistério é ainda, em pleno século 21, um preconceito, acarretando uma restrição de trabalho

¹Professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ), Pesquisador do Grupo de pesquisa Criar e Brincar: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem (LUPEA), Doutorando em Educação pela UFRJ, Mestre em Educação pela UFRJ, Psicopedagogo, Aperfeiçoamento em Educação Inclusiva e Pedagogo pela UFRJ – escritorjonathan@gmail.com

²Professora de Artes do Colégio Pedro II, Pesquisadora do Grupo de pesquisa Criar e Brincar: LUPEA, Doutoranda em Educação pela UFRJ, Mestre em Educação pela UFRJ e Licenciada em Artes Visuais pela mesma instituição –camilanagem@yahoo.com.br

³Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRJ. Coordenadora e Fundadora do Grupo de pesquisa Criar e Brincar: LUPEA. Doutora em Psicologia pela PUC-Rio, Mestre em Letras, Psicopedagoga, Psicóloga, Licenciada em Letras-Inglês – mariavitoria.ufrj@gmail.com



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

efetivo no campo profissional” (AGUIAR, 2015, p.15). O foco deste trabalho é explorar, em especial, os relatos dos docentes e suas trajetórias profissionais.

METODOLOGIA

Esta apresentação, sendo um recorte de uma pesquisa maior, possui as mesmas características metodológicas do trabalho monográfico fruto da mesma. Esta foi uma pesquisa qualitativa do tipo história de vida (IVENICKI; CANEN, 2016). Este tipo de pesquisa se adequou ao objetivo pretendido na pesquisa monográfica por conseguir apreender o que acontece no encontro do individual com o coletivo, buscando entender do ponto de vista de quem os vivencia suas visões de mundo e suas trajetórias docentes. A coleta de dados se deu a partir de uma página criada na época no *Facebook*, denominada “Homens no Magistério. Eu apoio!”. A mesma era destinada a docentes homens aos quais desejassem compartilhar suas histórias de vida a partir do tema dado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Hypolito (1997, p.48) destaca, em seus estudos, que o processo de feminização do magistério, sem dúvida alguma, está associado à expansão da escola, “fruto das transformações políticas, sociais, culturais e econômicas que se cristalizaram no século passado e nas primeiras décadas do século atual”. No Brasil, percebemos a presença de mulheres no magistério primário durante o século XIX (VIANNA, 2013). Segundo Campos e Silva (2002, p. 18), no século XIX, surgiram as primeiras escolas normais para preparação do professorado, “destinada exclusivamente ao sexo masculino, como era comum nessa época em todos os níveis de ensino, somente mais tarde surgindo cursos destinados à formação de professoras”. De acordo com Hypolito (idem p. 59), no Império, aconteceram as primeiras definições sobre a educação feminina por conta do “ingresso maciço de mulheres no magistério e a ampliação da escolarização feminina”.

Diante das discussões realizadas na página e no grupo do *Facebook* “Homens no Magistério. Eu apoio!”, os professores destacaram que:

o preconceito de algumas mulheres, criado no passado com as seguintes ideias que são, “mulheres são melhores para dar aulas”, “homens não tem jeito com criança”. Descobri que sofri preconceito bem depois que passei. Foi o seguinte, fui pedir estágio numa escola que eu já havia estudado, e depois de alguns anos eu encontrei com uma colega antiga de escola que disse que o namorado dela queria dar aulas nessa escola porém a diretora não contratava homens. Soube através dessa amiga que me falou que a diretora não contratava homens. (PROFESSOR 1)

Desconstruir o papel histórico-machista que mulheres são melhores educadoras por terem o lado materno e de que o cuidar bem e com carinho está ligado diretamente ao fator feminino (PROFESSOR 5)

O grande desafio foi passar que o homem também tem sentimentos, sensibilidade, vocação e a tal dádiva de passar conhecimentos. (PROFESSOR 10)



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

O machismo, por incrível que pareça! As mulheres tem ideia do homem como ser bruto e incapaz de ter sentimentos e se colocam como seres dóceis e afáveis sem considerar que esses padrões são meras construções sociais. (PROFESSOR 12)

Meu grande desafio foi provar que poderia desenvolver com facilidade habilidades que requerem criatividade, cuidado, ser detalhista e minucioso mesmo sendo homem. Elas [mulheres] tendem a nos achar incapazes em desenvolver certas habilidades. (PROFESSOR 13).

Nas contribuições de gênero, é possível destacar o trabalho de Louro (2014), que defende gênero como algo construído pelo meio social e histórico. É também na esfera social que, segundo o mesmo autor, se constroem e reproduzem (des)igualdade entre os gêneros. Assim, é neste campo e por meio das relações que são construídos os papéis femininos e masculinos. Esses papéis, socialmente impostos, marcam de maneira redutora e simplista o que é considerado como adequado/inadequado para o homem e para mulher. Desta forma, se constitui hierarquias entre os gêneros que podem ser diferenciados entre vários grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe), sociedades e momentos históricos. Ainda sobre gênero, este é entendido nesta apresentação como “identidade”, identidades plurais, múltiplas, que se transformam no sentido de pertencimento a diferentes grupos – sexuais, étnicos, classe e gênero. (LOURO, 2014, p.28).

Ao atuar em profissões ditas como femininas, o homem não deixará de ser homem no sentido biológico do termo. Rabelo (2013), analisando os estudos de Ligia Amâncio (apud RABELO, 2013), entende que os dois sexos, masculino e feminino, partilham/reproduzem determinados valores. Por isto, a origem da discriminação vem por meio da forma de pensamento social, cabendo-nos analisar não as diferenças entre os sexos, mas o pensamento social que a ele é concedido. Dessa forma, “ambos assumem modelos de comportamento que lhes são socialmente impostos como se fossem naturais, partilham pressupostos e contribuem para acentuar a diferença de gênero” (RABELO, 2013, p.5)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o campo do magistério pode ser marcado como feminino, mas isto não impede que os homens se insiram nesta esfera. Nesse sentido, surge o preconceito em torno do gênero, estes docentes sentem na pele o seu vestígio, por serem homens, por escolherem um campo fortemente marcado por mulheres, relatam preconceitos e dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Não podemos esquecer que as legislações que regem o sistema educacional brasileiro não fazem distinção entre os sexos, englobam que todos podem ser docentes, bastando estar inserido nos cursos de formação. Porém, na pesquisa efetuada, percebemos que aqueles que conseguem aprovação em um concurso público são os únicos que se incluem nesta docência. Os que se inserem nas escolas particulares conseguem tal cargo pelo fato de terem conhecimento com a direção ou indicação de conhecidos. Em ambos os casos, o que temos em uníssono são as suas histórias de vida e certamente a tentativa de romper com o preconceito. Por isso, “Homens no magistério: eu apoio” ser um tema que precisa ser



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

discutido e levado a um a esfera maior de questionamento que extrapole os muros da academia onde esta pesquisa foi produzida.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. F. **Homens no Magistério. Eu Apoio!** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- CAMPOS, M.C.S. de S; SILVA, V. L. G (Orgs). **Feminização do Magistério: Vestígio do passado que marcam o presente.** Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- HYPOLITO. A. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- IVENICKI, A; CANEN, A. **Metodologia da Pesquisa: rompendo fronteiras curriculares.** Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2016.
- LOURO, G.L.L. **Gênero, sexualidade e educação** – Uma perspectiva pós estruturalista. 16ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- RABELO, A.O. **Professores Discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental.** Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.39, n.4, p.907-925, out/dez, 2013.
- VIANNA, C.P. **A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente.** p.159- 180. In: Yannoulas. S.C (Coord.). **Trabalhadoras – Análise da Feminização das Profissões e Ocupações.** Brasília: Editorial Abaré, 2013.